



Boletim
O Gabelense

ano x - n.º 20 | junho 2007

**deste porto te
escrevo... amboim**

**o abandono colonial
e a criminosa
irresponsabilidade de portugal**

“a terra da pedra grande!”

1º. semestre de 2007

Mantivemo-nos ao longo dos anos, já lá vão 32 desde que chegámos, ligados à nossa Associação, “OS GABELENTES”, compartilhando em cada ano de uma sã convivência, no último domingo do mês de Junho, sempre com a mesma ideia de, em cada encontro, reencontrarmos um amigo, um gabelense, o que justificava a nossa deslocação, para além do prazer de partilhar num convívio em busca de novidades em que era comum o mesmo desabafo “Ó Pá estás na mesma“...!!!

Pura ilusão! Os anos deixaram marcas e muitos já não comparecem à chamada! Uns porque já partiram e outros ainda porque os males se agudizam obrigando-os a permanecerem em casa quicá desejosos de estarem presentes,

Estamos mais velhos, sem paciência, muitas vezes frustrados, nunca esquecendo os amigos da Gabela, recordando as presenças nos encontros dos amigos, os companheiros de labuta e também das farras, mas cansados, dependentes de uma vida que nem sempre foi favorável e como sonhamos de tranquilidade. “O mundo está diferente do que o que vivemos” é outro desabafo frequente que ouvimos das pessoas desanimadas, inconsoláveis e inconformadas...

Há já uma maioria de que não sabemos onde estão, pois muitas da revistas que distribuimos são-nos devolvidas por diversas razões a mais frequente “desconhecido”...

Não aceitamos situações de abandono e/ou isolamento. “NÃO” à frustração “SIM” à

continuidade de podermos contar sempre uns com os outros, mantendo-nos ligados, dando notícias, contactando se não podermos comparecer aos nossos encontros. Usemos o telefone, em última instâncias, para sabermos notícias, dar notícias, confirmando a nossa solidariedade de gabelenses orgulhosos do que fizemos lá (Gabela) e cá (Portugal). Seja uma voz amiga que todos precisamos ...

UM TELEFONE SEMPRE À VOSSA DISPOSIÇÃO 218 482 323.

ADirecção agradecida.

índice**ficha técnica**

editorial	pág. 02
poema albert einstein	pág. 03
programa para o encontro dos gabelenses 2007	pág. 04
ai ué angola	pág. 05
divagando... sem ser chato...	pág. 06
deste porto te escrevo... amboim	pág. 08
ri lá... lisboa tá cara...	pág. 09
o sedentarismo dos nossos jovens	pág. 12
o abandono colonial e a criminosa irresponsabilidade de portugal	pág. 13
linguagem, código linguístico, língua	pág. 14
capaz para comprar, incapaz para reclamar	pág. 15
desenraizados	pág. 16
“a terra da pedra grande!”	pág. 19

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio Oliveira

composição gráfica

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

poema

albert einstein

*Pede ser que um dia deixemos de nos falar...
Mas, enquanto houver amizade,
Faremos as pazes de novo.*

*Pede ser que um dia o tempo passe...
Mas, se a amizade permanecer,
Um do outro há de se lembrar.*

*Pede ser que um dia nos afastemos...
Mas, se formos amigos de verdade,
A amizade nos reaproximará.*

*Pede ser que um dia não mais existamos...
Mas, se ainda sobrar amizade,
Nasceremos de novo, um para o outro.*

*Pede ser que um dia tudo acabe...
Mas, com a amizade construiremos tudo novamente,
Cada vez de forma diferente,
Sendo únicos e inesquecíveis cada momento
Que juntos viveremos e nos lembraremos pra sempre.*

*Há duas formas para viver sua vida:
Uma é acreditar que não existe misagre.
A outra é acreditar que todas as coisas são um misagre.*



Albert Einstein
1879 • 1955



programa para o encontro dos gabelenses 2007

LOCAL Parque das Merendas de Mogofores

A Direcção mais uma vez faz um apelo aos Gabelenses e amigos em geral, solicitando a vossa presença no último Domingo de Junho, dia 24.

PROGRAMA:

09H00 | Concentração no local do encontro.

Actualização e inscrição de sócios.
Pagamento de quotas e distribuição de senhas para o porco no espeto.

11h00 | Alocução de boas vindas e momento solene.

12h30 | Abertura dos farnéis.

(Almoço)

Música ambiente

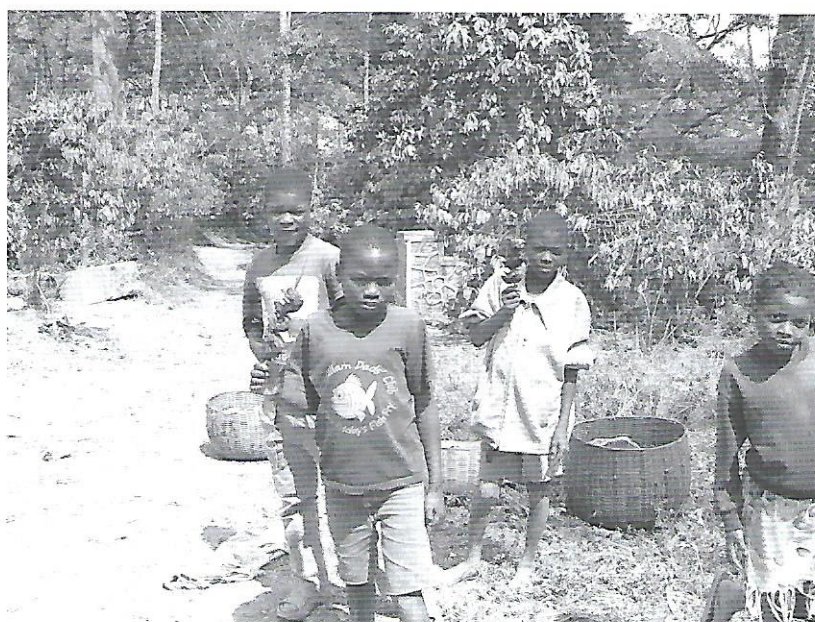
15h00 | Concentração.

Convívio, Animação, Confraternizações,
Diversão, Música de dança.

A DIRECÇÃO



mercado

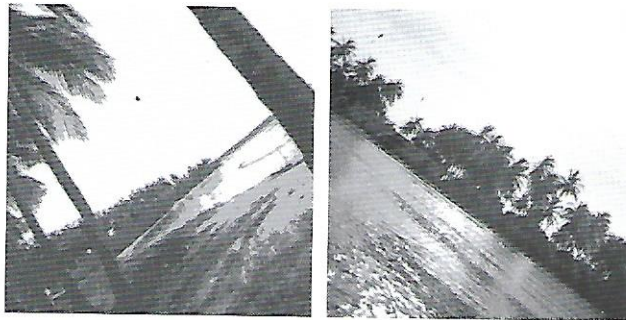


espetada de ratos

ai ué angola...



são marques



O Luís e família visitaram-nos em Abrantes. Com uns trinta e poucos anos, ele é a imagem protótipo do angolano boa pinta, bom papo e grandes promessas. Veio cá de férias e, simultaneamente para aliciar pessoal para trabalhar em Luanda. Tentei saber o que eu precisaria fazer para obter dupla nacionalidade. Observando alguns documentos que eu possuo, ele mostrou particular interesse pela minha licença militar, obtida em finais de 1980. Informou-me que, com algumas fotocópias e deslocando alguém à Gabela para obter uma certidão de nascimento, pagando por isso evidentemente, poderia obter o pretendido. É assim, meus amigos...quem pode pagar...paga...!

Veio então à minha memória, as circunstâncias em que tirei aquela foto que está nessa licença militar. No meu segundo dia de retorno à Angola, em Março de 1979, um policial da DEFA levou-me para o quintal do edifício de apoio da DEFA, fez-me sentar num banco rústico de cozinha, para tirarem uma foto minha (como fundo um pano de chita todo esburacado). Senti-me como uma prisioneira... Bem o que lá vai, lá vai... Em Angola o presente é de euforia. Os hotéis estão cheios de pessoal. Os chineses investem de forma extraordinária. Angola representa um maná para a China. As imensas potencialidades daquele pedacinho de África, atrai irresistivelmente os orientais.

Eu espero que não esqueçam das potencialidades turísticas de Angola. As praias do Mussulo, Luanda, Lobito, e Benguela (entre outras), com palmeiras e coqueiros até a borda de água, são cartazes turísticos aliantes. Eu aguardo mais uma oportunidade para lá voltar, de férias. Respondam-me lá Gabelenses, quantos de vós gostariam de me acompanhar num mergulho naquelas águas quentinhas..? Presentemente abordo o tema Turismo no oitavo ano, digo aos alunos que o turismo é fonte de receitas, cria emprego, desenvolve o comércio, transportes e serviços, e permite o intercâmbio entre culturas. Quero acreditar que há investidores inteligentes que saberão dinamizar empreendimentos turísticos, balneares e não só...

Eu ainda quero voltar a mergulhar naquelas águas...

Certa vez alguém perguntou a um chinês, como é que eles conseguiam apreciar tantas coisas estranhas, tais como: sopa de barbatanas de tubarão, sopa de ninhos de andorinha e carne de cão (muito apreciada na Coreia e Filipinas). Respondeu o Chinês: como é que vocês Portugueses conseguem comer: miolos dos animais, tripas ou bucho. Vocês é que têm costumes muitos estranhos. É isso aí... nós temos costumes bizarros, para os orientais! Na Índia a humilde vaca, é um instrumento divino... Eles dizem que nós ocidentais merecemos a

variante humana da BSE (das vacas doidas).

Junto remeto mais um poema de Agostinho Neto na sua Sagrada Esperança:

NÃO ME PEÇAS SORRISOS

*Não me exijas glórias
Que ainda transpiro
Os ais
Dos feridos nas batalhas*

*Não me exijas glórias
Que sou eu o soldado desconhecido
Da Humanidade*

As honras cabem aos generais

*A minha glória
É tudo o que padeço
E que sofri
Os meus sorrisos
Tudo o que chorei*

*Nem sorrisos nem glória
(...)
Não me descobri na vida
E selvas desbravadas
Escondem os caminhos
Por que hei de passar*

*Mas hei de encontrá-los
E segui-los
Seja qual for o preço*

*Então, num novo catálogo
Mostrar-te-ei o meu rosto
Coroadado de ramos de palmeira*

*E terei para ti
Os sorrisos que me pedes.*

Até breve
São Marques

divagando...sem ser chato...



silva carvalho

O que desejava mesmo era poder expressar o que constantemente me aflora à mente ... Questionar momentos da vida que influenciaram sobremaneira a minha conduta no passado e que hoje tanto significado tem para mim. Dá para pensar ...

Luís Henrique da Silva Carvalho, nascido e criado em Angola (13/11/1933), no interior do Cuanza-Sul, Luati, Calulo, Libolo. Infância e adolescência (monandengue) em Benguela e depois, adulto (século) um pouco por toda Angola, como funcionário da Finanças, fazendo parte como todos que viveram em Angola, de uma sociedade em que contribuíamos para o seu desenvolvimento e radicação criando nas terras pequenas do interior alternativas ao isolamento em relação ao litoral mais povoado e com melhores condições. Só o estar junto do mar já era um privilégio!

Todos eramos úteis naquela terra - Angola - que era pródiga, acolhedora, com uma sociedade simples, em que nos estimávamos e, cujo contributo era, na maior parte, em prol da comunidade onde se improvisava para que houvesse evolução e se ultrapassassem as dificuldades da interiorização. Uns pelos outros e todos por um ... Assim foi conquistado e povoado o interior apoiado na agricultura e comércio e se criaram as estruturas para a fixação das populações que, com os tempos se foi radicando, aliciados pelos prazeres e belezas do interior. Desenvolveu-se e criou-se uma competição sadia, ansiosos de mostrar as atrações e maravilhas de cada região, apoiada em vias de acesso que permitiam as comunicações fáceis e sem percalços.

O litoral angolano era uma atracção singular, mas o interior nas encostas e planaltos começou a atrair visitantes o que suscitou o orgulho dos seus habitantes ciosos de mostrar a beleza natural das suas terras, bem como o desenvolvimento que as acompanhou.

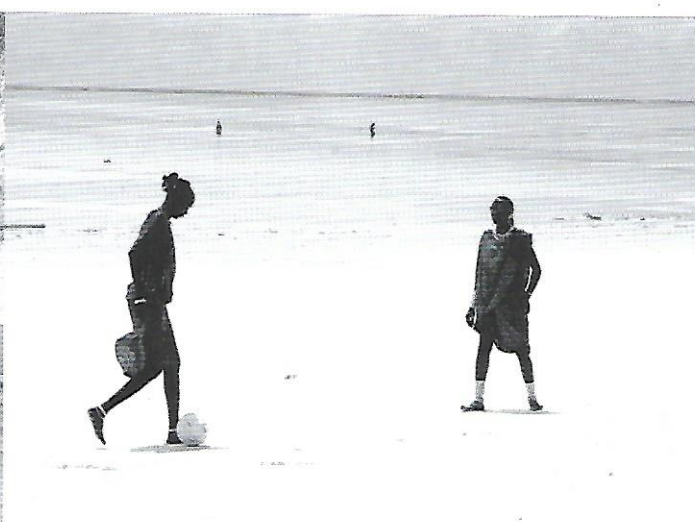
Elegi, sem desprimor para as demais duas terras que mais me marcaram na infância e adolescência (monandengue) – **BENGUELA** – e já adulto (século) a

GABELA - ...

Duas etapas da minha vida – do Luís de Carvalho, jovem sem pretensões que tudo fazia (menos estudar) para ser feliz como os demais, em Benguela, compartilhando dos prazeres da Praia Morena; e das belezas da terra das acácias rubras, dos tamarinos, das gajajas, cidade de S.Filipe, onde me criei, diverti e convivi sem atribulações, parte do tempo absorvido pela praia (Morena e Baía Azul) , pelo desporto representando o meu Sporting (1ª filial do SCP), não sentindo o tempo que passava.

Acordei de um sonho, quando já a trabalhar e feita a tropa tive de deixar Benguela rumo às obrigações profissionais. Deixei a terra que os *LARAS* tanto promoveram – *Alda e Ernesto Lara* (o *siripipi de Benguela*) com os seus contos e poemas e o *Raúl* (*Duo Ouro Negro*) se inspirou na sua bela música, símbolos da cultura da época, como tantos outros. Deixei com saudade as farras do Lanterna Vermelha, na Massangarala e do Bar Azul dos Cubanos, no Benfica, onde íamos à farras típicas dos Bairros africanos, uma espécie de *rebita* mais requintada. Deixei Benguela deprimido pensando que não encontraria terra igual.





Puro engano! Depois de passar por outras paragens (Calulo e Novo Redondo) cheguei à Gabela, em finais de 1961 já refeito das saudades de Benguela.

Adulto com responsabilidades nada improvisei, antes tinha que pôr em prática os conceitos de vida que tinha aprendido e me fizeram amadurecer, adaptando-me às novas circunstâncias, pondo à prova os momentos bons que protagonizei na adolescência para melhor me adaptar e passar o tempo. Continuar a dar o melhor na minha carreira profissional, contribuindo ao mesmo tempo para criar uma estrutura adequada às necessidades da população onde me integrei.

Como todos, contribuí, apoiado nas minhas iniciativas dedicadas aos jovens em cujo entusiasmo me apoiei conseguindo competir através de campeonatos desportivos - basquete e futebol de salão – e apresentação de uma classe especial de ginástica . Fomos

campeões provinciais de aeromodelismo, atletismo e ainda em competições de carros de sabão. Os jovens passaram a conviver entre si, realizando todas as espécies de diversões e a competir a nível provincial e nacional. Criou-se uma geração com iniciativa, que muito beneficiou o desenvolvimento do ensino na Gabela, que começou com a Escola Técnica Preparatória com apenas onze alunos. Com eles se expandiu o ensino público bem como as actividades circulares escolares que progrediram com a carolice e dedicação dos jovens que compreenderam que através delas se promoveriam, desenvolvendo as suas faculdades em prol da terra e seu próprio interesse. Uma geração exemplar de que muito me orgulho e com quem aprendi ao compartilhar do seu espírito empreendedor. Uma geração de ouro ...

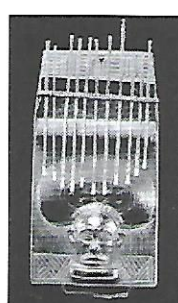
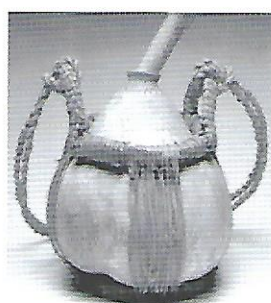
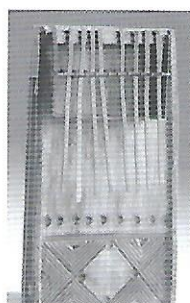
Como as demais terras a Gabela tinha também as suas farras que se realizavam nos suburbios, Lua Cheia, Aricanga (Manda Fama) e na Zunzua no Jone Reais, onde se juntavam os solteiros em

noitadas de convívio.

Na Gabela consumí a minha idoneidade de integração social casando-me com uma gabelense e onde nasceram duas filhas já lá vão quarenta e quatro anos. Lá deixei uma filha, a mais nova na companhia do avô, pai da minha mulher que foi uma referência pela amizade que sempre compartilhámos em respeito mútuo.

E cá continuo em Portugal, sempre com fé de que a sorte não me abandonará porque continuo a defender os meus interesses sem atropelos, respeitando os dos outros. Sorte, fé e consciência tranquila, são indispensáveis para uma velhice tranquila. As amizades são importantes, como o respeito por elas é essencial. É o sentimento que compartilho nos bons momentos que passo com os amigos..

Não tenho razões para me sentir infeliz, muito pelo contrário.....



deste porto te escrevo... amboim

joão manuel martins

Desde que sei que existe o boletim O GABELENSE (e não há muito tempo) que tenho vacilado entre escrever-vos ou não.

Mas porque os rascunhos que fiz, mexeram muito com as minhas emoções tão diferentes e especiais elas são, pensei que depois de tudo isso não me restava mais que enviar algumas palavras, que se salvaram dessas folhas de papel que na indecisão destruí, entre as praias de Santa Cruz e Porto Novo ...

Resumindo a minha vivência militar em Angola, depois dos infernizados 17 meses no Cuando-Cubango, em 1968/1969, de muitas horas de dúvidas e milhares de Kms., de risco, eis que chego à Gabela. Então a paz e a vossa hospitalidade, por isso o meu agradecimento.

Nunca imaginaram vocês, todos na casa dos cinquenta e mais alguns anos o quanto emocionalmente nos ofereceram. Então a ideia sobre Angola, como se transformou. O inferno tinha ficado para trás.

Num dos espectáculos que a minha CCS/1929, ofereceu à Gabela, tive a felicidade de ser convidado para tocar bateria nos ÁTOMOS, cujos ex-colegas saúdo, onde quer que se encontrem, o Machado, Luís Castro, Puga, Golias e o Néné Teodósio. Num acaso falei com uma senhora mais de trinta anos depois, identificando a sua pronúncia da Gabela, era

a Rosário, irmã do Boneco, depois a visita do Néné. Como militar cantei por todo o Cuanza-Sul. Saí da Gabela em 2 de Janeiro de 1970 e depois do abraço da família, poucas vezes me encontrei . Porque cantei em Luanda, já aqui, tive dois convites para voltar e ao segundo aceitei. Ainda hoje não sei porque não pude seguir.

Em 1975, decerto que muitos de vocês desembarcaram em Lisboa. Pensei ser a minha vez de vos compensar. Fui a locais que nalgumas conversas que lá tivemos sabia haver hipótese de terem família, mas nunca encontrei ninguém, nem mesmo em Torres Vedras, onde vivo e tantos angolanos para cá vieram.

Com o mais profundo agradecimento, pelo que de positivo me aconteceu em Angola, me despeço. Permitam-me que, com saudade, vos dedique as últimas oito linhas:

*Memórias que avermelham teu chão Angola
Ainda perduram nos morros do Amboim
Brincos feitos de cafés e acácias
E te fazem Gabela, só para mim*

*Devoram-me regressos que não sonhara ...
És cidade encanto, no meu album azul
Continuas divina no palco do A.R.A..
Nesse presépio do Cuanza-Sul.*



O autor, João Manuel Martins, residente em Torres Vedras, enviou-nos o artigo que antes inserimos, numa carta que nos enviou, em 15 de Novembro corrente, em que pedia a publicação do artigo no nosso Boletim. Foi ex-militar que serviu na Gabela e esta a forma do seu reconhecimento, enviando-nos fotocópia do boletim paroquial o "Amboim", que diz guardar com imensa estima, que aproveitaremos para dar conhecimento de diversos artigos antes escritos onde se enaltece o orgulho dos gabelenses na construção do que foi um dos concelhos mais promissores e desenvolvidos do Distrito do Cuanza-Sul, quiçá de Angola.

A Associação dos Naturais, ex-Residentes e Amigos da Gabela, sente-se agradecida por esta manifestação de reconhecimento, que muito honrará os gabelenses que sempre se empenham cá, como lá, em receber com cordialidade os que nos procuram e compartilham do nosso convívio, aceitando a nossa amizade, cientes de que sempre foi este espírito que caracterizou o nosso relacionamento de convivência na sociedade em que vivemos sem exclusões.

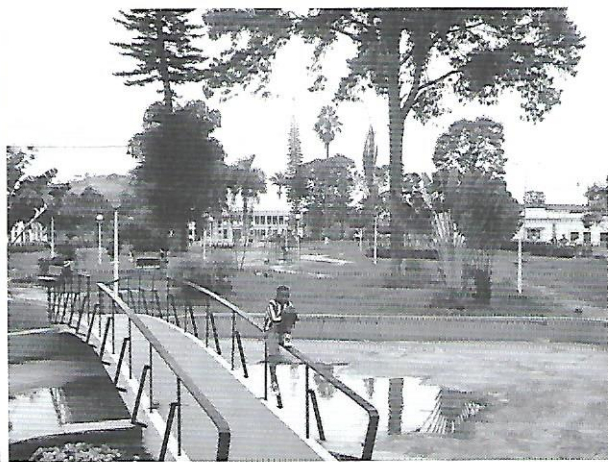
Nota: de Silva Carvalho – Presidente
Dez. 2006



Av. do Colégio (Gabela)



estátua Agostinho Neto



jardim central (Gabela)

ri lá... lisboa tá cara...



Jorge Domingues

O título desta crónica é um trocadilho com o *Rally Lisboa Dakar* a propósito da fachada dos eventos que no nosso país se promovem que escondem a realidade das dificuldades crescentes da população que cada vez é mais pobre e doente.

Fecham-se maternidades e centros de saúde mas organizam-se campeonatos mundiais de vela, europeus de futebol, rallys internacionais e campeonatos de golf, tudo desportos a cuja prática todos têm acesso. Atrás desta fachada temos uma população que diariamente luta e labuta para ter os seus filhos a estudar, pagam o gás, a electricidade, a renda; para esses ninguém olha excepto o fisco que com arrogância e prepotência multa e penhora.

Tanta eficiência a cobrar impostos e taxas próprias de impostores e tachistas. Os pobres, os pequenos têm cada vez menos direitos à saúde, à justiça e à educação. São exemplos da nossa justiça o caso do casal que tem à sua guarda uma criança que tratam com amor e dedicação. Ele é acusado de sequestro e condenado a seis anos de prisão efectiva. Ela é condenada a termo de identidade e residência. Esta mesma Justiça obriga uma criança a viver com a avó e o pai e tiram-na à madrinha que a criou. A avó matou e afogou a criança, mas a quem deliberou que a criança devia ser retirada à madrinha não

aconteceu nada. Outro exemplo é o do cidadão estrangeiro que pretendeu inaugurar um restaurante no *ALLGARVE*, coitado! Após dois anos de burocracia camarária é autorizado a inaugurar o restaurante; no dia da inauguração não lhe é permitido a abertura do restaurante porque ainda faltava mais um papel. Em desespero o cidadão suicidou-se e a quem não permitiu a inauguração logicamente não aconteceu nada. A polícia fiscaliza feiras, apreende artigos de contrafacção, pouco se preocupando com a situação em que ficam tantos desgraçados.

Os cidadãos estrangeiros em situação ilegal são expulsos. Fizessem assim os franceses aos portugueses ilegais e tínhamos um grave problema. Têm a memória curta, são maus e incompetentes e cingem-se ao cumprimento estrito da lei como se todas as leis fossem justas e feitas por Deuses. A um capitalista com crédito mal parado é-lhe penhorada a casa por uma instituição bancária; em desespero de causa barrica-se no banco; é preso e quando o libertam a casa já não lhe pertence. Afinal o capitalista é pobre e de uma penada destroem toda uma vida de trabalho e nada nem ninguém se preocupa.

Há sempre um artigo e um parágrafo no Código Penal para o tramar. Tem realmente um problema sério? Reze, vá a Fátima, à bruxa e espere ter sorte porque se quer justiça está tramado. Já fizeram um referendo que permite que muitos não nasçam. Não tarda muito haverá incentivos para ajudar os que cá estão a partir porque começa a ser difícil ter um médico ao pé, que é como quem diz à mão.

Numa eleição para o melhor português

de sempre ganhou Salazar. Claro que desvalorizam o sentimento genuíno dos portugueses. Os governantes piores são aqueles que sendo maus se convencem que são bons. Muitos são governantes porque se governam, não nos governam.

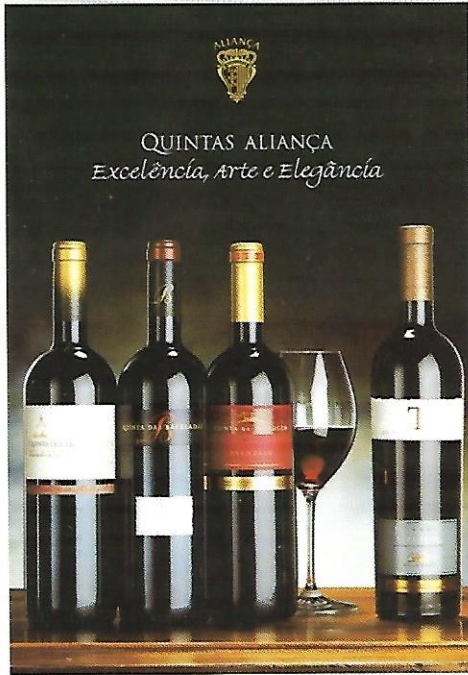


Antigamente as escolas, as universidades eram públicas e independentes; agora são privadas ainda que independentes e onde são ministrados cursos sem valor, os alunos são vistos como fonte de rendimento e a tutela não fiscaliza, não moraliza - é conveniente porque às vezes é conveniente. Cada vez há menos justiça social e continua a existir uma elite política que está isenta de obrigações. Não paga gasolina, nem estacionamento, nem portagens, tem vários motoristas, não produz nada e é muito bem paga. Privilegiados que estão isentos de obrigações que exigem aos outros! Com a política fiscal absurda não há investimentos em Portugal; os empresários portugueses começam a investir em Espanha onde são tratados como pessoas de bem. Pode ser que N^ª. Sr^ª. De Fátima volte a aparecer e que S. Bento emigre. Precisamos mais de uma N^ª: Sr^ª. De Fátima do que de S. Bento!

A obsessão com que insistem na construção do Aeroporto da OTA porque será? Será que são otistas ... À insistência da tolerância zero eu aconselho - bebam vinho, bom vinho e esqueçam.

Em: junho de 2007.

ALIANÇA



As Caves Aliança foram fundadas há mais de 75 anos, em 1927, por 11 associados liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, em Sangalhos, na região Demarcada da Bairrada.

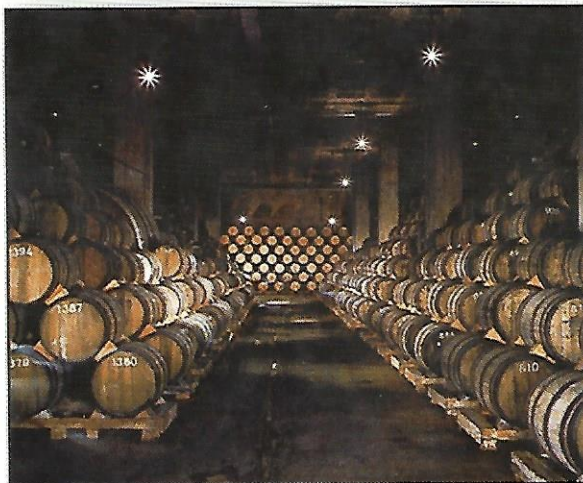
Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa, sendo hoje, quer em Portugal quer nos cerca de 60 países para onde exporta 50% da sua produção, sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade.

As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo. A forte aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas nas principais regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras, explorando cerca de 500 ha de vinhas.

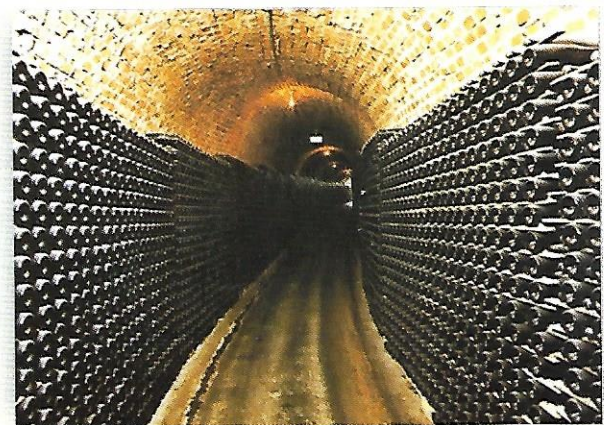
Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipa técnica de Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet.

O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Esta estratégia está já a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos inúmeros prémios obtidos recentemente, quer no país, quer no estrangeiro.

Nas nossas destilarias privadas, utilizando os alambiques "charantais", após rigorosa selecção dos vinhos a destilar, sai a mais completa colecção de aguardentes velhas produzidas por qualquer empresa em Portugal. Envelhecidas durante vários anos em barricas de carvalho de 225 e 300 litros preparadas nas nossas próprias tanoarias de acordo com as mais ancestrais tradições, estas nossas prestigiadas aguardentes velhas têm colocado as Caves Aliança na liderança do mercado português.



Há mais de 70 anos que as Caves Aliança produzem espumante, seguindo a tradição rigorosa do Método Champanhês ou Clássico. Com uvas rigorosamente seleccionadas para o efeito, a partir das castas locais brancas Bical, Sercial, Arinto e Chardonnay e da casta tinta Baga, vinificadas na própria adega de Sangalhos, estagiam permanentemente nas profundezas das caves subterrâneas mais de 2 milhões de garrafas, antes de serem introduzidas no mercado.



QUINTAS ALIANÇA



QUINTA DOS QUATRO VENTOS



Região: Douro Superior - Vila Nova de Foz Côa

Com uma área total de cerca de 150 hectares esta quinta centenária está situada no Douro Superior, nos limites das freguesias de Seixas e Numão, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Dispõe de um total de 45 hectares de vinha em patamares e vinha ao alto de plantação recente com as castas tradicionais da região: Touriga Nacional, Tinta Roriz, Tinta Barroca, Touriga Franca e Tinta Amarela.

Possui adega, que para além dos tradicionais lagares de granito, está também dotada de depósitos inox de pequena dimensão para a vinificação em separado das diferentes castas existentes. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o Quinta dos Quatro Ventos Reserva. São também provenientes desta propriedade o Quinta dos Quatro Ventos e o Foral.

Região: Dão - Vila Nova de Tazém

A Quinta da Garrida está situada em Vila Nova de Tazém, no concelho de Gouveia, na região demarcada do Dão. Com uma área total de 112 hectares, tem 80 hectares de vinhas com 15 anos e os restantes com novas plantações efectuadas com o recurso às mais modernas técnicas. A vinha é constituída pelas principais castas desta região, como a Touriga Nacional, Tinta Roriz, Jaen e Alfrocheiro Preto. Os solos são graníticos, ligeiros e pobres, típicos da região, que permitem a obtenção de vinhos com características muito próprias.

A nossa Adega situa-se em Gouveia e está dotada dos mais adequados equipamentos para a produção de vinhos de alta qualidade, possibilitando a vinificação em separado das castas existentes. Os vinhos provenientes desta propriedade, são vendidos com as marcas Quinta da Garrida Touriga Nacional e Quinta da Garrida.



QUINTA DA GARRIDA



QUINTA DAS BACELADAS



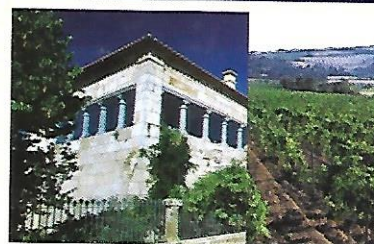
Região: Bairrada

A Quinta das Baceladas situa-se em pleno coração da Bairrada, na zona de Cantanhede. Foi nesta quinta com cerca de 5 ha que iniciamos o nosso desenvolvimento vitícola na região, plantando em 1991 a tradicional casta da região, a Baga, mas também as inovadoras Merlot e Cabernet Sauvignon.

As Caves Aliança possuem também outras pequenas vinhas plantadas em 2002 destinadas a dar continuidade ao seu projecto vitivinícola, privilegiando as castas Tinta Roriz e Merlot. Os vinhos provenientes desta propriedade, são o Quinta das Baceladas, Angelus e Aliança Galeria.



QUINTA D'AGUIAR

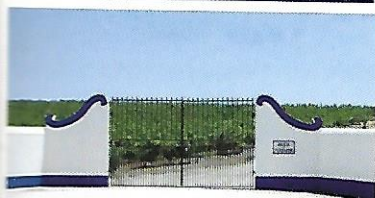


Região: Beiras - Figueira de Castelo Rodrigo

Situa-se no sopé da Aldeia histórica de Castelo Rodrigo e tem uma área total de 350 ha. Os seus solos apresentam uma estrutura franco-arenosa de base granítica e encontram-se também quartzitos e solos xistosos. Com um relevo pouco acentuado está situada, em média, a 550 m de altitude, sofrendo além da influência mediterrânea, uma influência claramente continental com acentuado arrefecimento nocturno. A precipitação média é de 550mm/ano, concentrada entre Outubro a Maio. A vinha plantada de novo, a partir de 1999, ocupa uma área superior a 90 ha, em que 27 ha são regados. A densidade de plantação varia de 3.086 a 3.738 pl/ha, sendo a condução da vinha em cordão bilateral. O encepamento é constituído por 57% de Tinta Roriz, 15% de Touriga Nacional, 12% de Syrah, 10% de Cabernet Sauvignon e 6% de Alicante Bouschet. São provenientes desta propriedade o Casa D'Aguiar e o D'Aguiar.



QUINTA DA TERRUGEM



Região: Alentejo - Borba

Situada no Alentejo, na freguesia da Terrugem, no concelho de Elvas, em plena região demarcada de Borba, é hoje um ex-libris dos vinhos alentejanos. Adquirida em 1991, possuía inicialmente 14 hectares de vinha e tem hoje cerca de 60 ha. plantados com as castas Aragonês, Tinta Roriz, Trincadeira, Periquita, Syrah, Cabernet Sauvignon e Alicante Bouschet.

A adega da Quinta da Terrugem está implantada num edifício de traça regional alentejana encastrado numa pequena elevação de terreno na propriedade, que permite o trabalho das uvas através do declive natural. Aqui se produz, só em anos excepcionais, o T Quinta da Terrugem, considerado como um dos melhores vinhos do Alentejo, o Quinta da Terrugem e o Alabastro.

o sedentarismo dos nossos jovens



acácio oliveira

O sedentarismo é um dos comportamentos, cuja prevalência em PORTUGAL é superior à dos restantes países europeus.

Embora estejam bem descritos os benefícios da **actividade física** para a saúde, há indícios de que nos últimos anos se tem verificado um progressivo aumento da incidência do sedentarismo. Este facto tem um elevado impacto nos custos directos e indirectos com as despesas de saúde, cujos números são desconhecidos em Portugal, mas que, em vários países, indicam custos elevados.

É recorrente o conceito de que os hábitos desportivos e de actividade física se enraizam durante o crescimento e desenvolvimento dos jovens, sem prejuízo de ser possível, também no adulto, observarem-se alterações comportamentais relevantes. Pese embora este reconhecimento da importância da formação desportiva, há que actualizar e adequar a aproximação da nossa sociedade aos novos desafios que hoje são colocados aos jovens. Estes desafios apontam-nos a necessidade de se aplicarem princípios de que ninguém discorda, **mas tarda-se em encontrar as soluções** para atrair de forma duradoura os jovens para a formação desportiva e a actividade física.



Os meios tecnológicos hoje ao dispor dos jovens caracteristicamente sedentários colmatam a excitação, o prazer de interacção e a própria superação entendidas noutros tempos como atributos quase exclusivos da prática desportiva. Pelo contrário, perante a insegurança do envolvimento, a dificuldade de transporte autónomo e as variadas exigências associadas à prática desportiva, muitos jovens encaram o modelo actual como irrelevante perante as actuais motivações. Por isso, mais uma vez resta integrar as práticas formais e não-formais com a finalidade última de, após a adolescência, se estar na presença de um jovem adulto que seja consumidor autónomo do exercício físico. O problema do sedentarismo não reside nos jovens, mas sim nos diferentes sistemas e subsistemas que enquadram a sua formação e desenvolvimento e influenciam a família. O MODELO justificativo associado à saúde representa neste quadro institucional tão-somente uma das aproximações que deve mobilizar e responsabilizar governantes, professores, treinadores, dirigentes desportivos e médicos.

A promoção da actividade física nos jovens leva-os a ser mais activos e mais saudáveis, tendo uma maior probabilidade de serem adultos menos

sedentários, mais saudáveis tendem a ser adultos mais saudáveis. O nosso MODELO desportivo deve merecer uma análise detalhada de acordo com a evidência real da nossa juventude, importa, portanto, analisar as orientações e recomendações quanto ao doseamento necessário de actividade física para as CRIANÇAS e ADOLESCENTES e as políticas dos diversos sistemas que viabilizem uma efectiva concretização na mudança na **LEI DE BASES DO SISTEMA DESPORTIVO DE PORTUGAL**



o abandono colonial e a criminosa irresponsabilidade de portugal



mário frota

PORTUGAL TEVE, SEGUNDO O DIREITO INTERNACIONAL, O DIREITO DE COLONIZAR OS TERRITÓRIOS DE ALÉM-MAR PORTUGAL TERIA, AINDA SEGUNDO UM TAL ORDENAMENTO JURÍDICO, O DEVER DE DESCOLONIZAR E NÃO O FEZ. LIMITOU-SE A UM EXEGRÁVEL ABANDONO. Que se traduziu, afinal; no dizer desse insigne escritor que foi António José Saraiva; na "página mais negra" da História de Portugal.

O ignominioso abandono precipitou o êxodo dos que tinham ANGOLA como pátria de nascimento ou de adopção para as quatro partidas do mundo.

O modo errante como a reinstalação dos angolanos de raiz ou luso-descendentes se processou ainda se apresenta, volvidos mais de 30 anos - na crueza dos seus termos -, como manifestação clamorosa de desenraizamento e inadaptação com a perda de referências que o fenómeno arrasta consigo. Bastaria fazer a radiografia dos encontros anuais das distintas comunidades de Angola, em Portugal, para se perceber, na raiz, a perturbação que morará eternamente no coração e na mente dos deserdados da fortuna que todos somos, "beneficiários" directos da ominosa "exemplar descolonização" que os próceres do poder do tempo ostentavam com manifesto despudor e mal dissimulada hipocrisia. Portugal abandonou à sua sorte, no que nos toca, para além dos mais, angolanos, autóctones ou luso-descendentes, para além de portugueses, que pretenderiam naturalmente manter

a nacionalidade original, que se viram forçados ao exílio por inépcia sua... O facto mais se realça se nos debruçarmos sobre a obra do último alto comissário, general Silva Cardoso, intitulada "ANGOLA - anatomia de uma tragédia". Trata-se de um depoimento histórico irrecusável em que mais se realçam as responsabilidades da potência administrante que teria de assumir indefectivelmente as responsabilidades que a História lhe cometera. A Portugal competiria assumir materialmente as responsabilidades que o insano acto do abandono gerara. Responsabilidades pelos danos morais e materiais produzidos. Portugal deveria ter ressarcido as vítimas dos danos patrimoniais e não patrimoniais infligidos. Como o fizeram com dignidade inultrapassável outros países em situações algo similares. Portugal deixou à sua sorte os deserdados da fortuna a quem se ofereceu tão só o "às de viladiogo" para se salvar a pele no drama que antecedeu e que ao abandono se seguiu. E esse foi o prémio, aliás, de uma presença de séculos de convivência com altos e baixos que - força é reconhecer - permitiu a miscigenação que foi, de resto, um dos traços marcantes da presença lusitana pelo mundo: "Deus fez o branco e o negro, o português fez o mulato" (Gilberto Freire). Os anos de chumbo da ditadura que se instalou em Angola no período pós-abandono colonial e a guerra intestina que cavou profundos sulcos e lançou à terra - para que frutificassem - as sementes do mais visceral ódio inter-étnico não recomendou o retorno dos que vagueavam pelo mundo, despojados de tudo e, sobretudo, das suas referências. Com o saldo de milhões de vidas perdidas e dos órfãos de guerra e dos estropeados e dos rebotalhos humanos a que a guerra conduziu com a delapidação de recursos e a condenação dos povos às galés ... Portugal teria de indemnizar (= tornar sem dano) as vítimas que lançou no esgoto da História. Mas não o fez. Um antigo chefe de governo sustentara que era a Angola, que se enriquecera com o

esforço dos que forçados foram a deixá-la, que cumpriria indemnizar. Por direitas contas, seria Portugal a fazê-lo. E não o fez. Portugal terá de indemnizar ou compensar as vítimas, nos termos gerais: pelos actos dos seus órgãos, dirigentes, funcionários e agentes. Quem com dolo ou mera culpa causa danos a outrem responde pelos prejuízos em que fez incorrer os lesados. Portugal exime-se, porém, a assumir as responsabilidades históricas que lhe cabiam inexoravelmente. As acções pendentes em tribunal protraem-se no tempo. E não se vislumbram soluções. Em mais de trinta anos muitos dos titulares do direito à indemnização pereceram e não deixaram sucessores legitimários. O Estado é seu sucessível legítimo. A vida de tantos mal se refez. Os "guetos" que circundam Lisboa são ainda subsidiários de um abandono sem nome - e aí são africanos de distintos estratos - que espria os seus reflexos no quotidiano de todos. As injustiças perpetuam-se. É inevitável indagar: até quando? Portugal não pode sacudir a água do capote... tem de responder pelo crime de abandono e pela reparação civil dos danos que causou deliberadamente ou pela mera omissão de elementares deveres de cuidado. Portugal não pode alinhar pelo diapasão dos povos sem passado nem presente nem futuro. Nem pelo código de conduta de organizações que se alimentam do crime e nos seus fundamentos se revêem. Portugal tem de assumir as suas responsabilidades, indemnizando as vítimas de um crime autêntico contra a humanidade. Que como tal tem de ser considerado.



linguagem, código linguístico, língua

luís de souza

Com frequência imparável ouve-se empregar e emprega-se termos, palavras, sem que se conheça, exactamente, o seu verdadeiro significado.

E, assim, vai-se conversando e desconversando.

Com efeito, fala-se, para aí, a torto e a direito, de linguagem, de código linguístico e de língua, e, contudo, nem sempre, ao que se afigura, se sabe, com rigor, do que se está a falar, e muito menos se distingue, como convém, aqueles mesmos termos uns dos outros.

É, pois, a consciência deste facto comezinho, e nem por isso de somenos importância, a motivação que está na base do dar, aqui, à estampa este modestíssimo escrito.

E, fazendo-o, dir-se-á que todos os seres, uns mais outros menos, têm certas e determinadas faculdades, certas e determinadas aptidões, que lhes permitem fazer coisas ou não as fazer.

Uma dessas faculdades, uma dessas aptidões, é a da linguagem.

A linguagem é a faculdade, é a aptidão, que permite a comunicação dos seres entre si: mais desenvolvida nuns, menos desenvolvida noutros seres.



Nos seres humanos, nos Homens, a linguagem, a faculdade, a aptidão de comunicar, revela-se, hoje, mais desenvolvida do que nunca, e, sempre, como tal, se terá revelado em relação aos demais seres animais, conferindo-

lhes, conseqüentemente, a eles, Homens, uma certa e determinada superioridade.

A actividade comunicacional do Homem começa no uso das ideias e/ou dos conceitos.

As ideias e os conceitos isolados, isto é, as representações mentais mais simples, mais elementares das coisas isoladas têm uma referência, um significado; significam, referem-se a essas mesmas coisas representadas mentalmente por elas, ideias, ou por eles, conceitos, naquilo que são as essências, as substâncias e, em última instância, as estruturas dessas mesmas coisas.

Tais representações mentais das coisas isoladas, ou seja, as ideias e os conceitos isolados, organizam-se e tornam-se compreensíveis de acordo com regras preestabelecidas, convencionadas.

Essas regras, são elas, por conseguinte, que definem as ideias e os conceitos, ligam-nos uns aos outros, relacionam-nos e articulam-nos de modo a converterem-se numa única unidade, num todo sistémico susceptível de se encaixar plenamente na estrutura mental e com ela se harmonizar sem erros nem lacunas.

Tais regras preestabelecidas, convencionadas, que definem as ideias e os conceitos, que os relacionam uns com os outros, articulando-os em uma única unidade, num todo sistémico susceptível de se encaixar plenamente na estrutura mental e, com ela, se harmonizar sem erros nem falhas, atingindo-se, assim, a máxima compreensão das coisas, constituem-se naquilo que se designa por código.

Haverá, pois, que daqui concluir que toda e qualquer linguagem, toda e qualquer faculdade, toda e qualquer aptidão de comunicar, só poderá cumprir a sua específica função, isto é, a função de comunicar, desde que assente, necessariamente, num código.

Todos os códigos, mais bem ou menos

bem estruturados, visam facilitar a comunicação, visam facilitar o linguajar.

Existem diversos códigos linguísticos: cada código linguístico subsume-se e estrutura uma língua.

A língua é o linguajar de um povo de acordo com um código, de acordo com um conjunto de regras explícita ou implicitamente estabelecidas, fixadas pelos membros da comunidade ou da sociedade que integram esse mesmo povo, tendo em vista facilitar, mais, permitir a comunicação, não sendo, afinal, o código linguístico, outra coisa que não a gramática da língua.



capaz para comprar, incapaz para reclamar?



mário frota

“Na SIC-Radical apareceu, no outro dia, uma pessoa, creio que pertencente a uma organização de consumidores, que dizia que os menores de idade não podiam apresentar quaisquer reclamações. E que se os estabelecimentos autorizassem a que os menores usassem o Livro de Reclamações, teriam de admitir que os pais confirmassem a reclamação.

A apresentadora ainda disse qualquer coisa do género: “se têm capacidade para comprar, também têm para reclamar”.

E isso vem a propósito da compra de uma sands com uns “bichos”. A menor não podia reclamar por não ter idade. O pai da menor também não podia por não ter presenciado a cena.

O que nos pode dizer a este respeito?”

LV - Lisboa (por telefone)

1. Na realidade, o artigo 123 do Código Civil prescreve:

“Salvo disposição em contrário, os menores carecem de capacidade para o exercício de direitos”.

2. E o artigo 127 do mesmo diploma, estabelece - sob o título “excepção à incapacidade dos menores”:

“1. São excepcionalmente válidos, além de outros previstos na lei:

a) Os actos de administração ou disposição de bens que o maior de dezasseis anos haja adquirido por seu trabalho;

b) Os negócios jurídicos próprios da vida corrente do menor que, estando ao alcance da sua capacidade natural, só impliquem despesas, ou disposições de bens, de pequena importância;

c) Os negócios jurídicos relativos à profissão, arte ou ofício que o menor tenha sido autorizado a exercer, ou os praticados no exercício dessa

profissão, arte ou ofício.

2. Pelos actos relativos à profissão, arte ou ofício do menor e pelos actos praticados no exercício dessa profissão, arte ou ofício só respondem os bens de que o menor tiver a livre disposição.”

3. Ora, de harmonia com a alínea b) do nº 1 do artigo transcrito no número anterior, são excepcionalmente válidos... *“os negócios jurídicos próprios da vida corrente do menor que, estando ao alcance da sua capacidade natural, só impliquem despesas, ou disposições de bens, de pequena importância.”*

4. Ora, se tais negócios são válidos - e se repetem à exaustão em todos os pontos do globo dia após dia - não se descortina a eventual razão por que se há-de vedar a jovem consumidor lesado o direito de reclamar em relação ao produto que adquirira, ali, naquele lugar, e que com toda a evidência está avariado.

5. Claro que à recusa na entrega do livro cabe o direito de se exigir a presença da autoridade policial, podendo fazê-lo através de qualquer dos meios ao seu alcance. E procurando obter - para evitar eventuais dificuldades provocadas - a confirmação dos factos junto de quem o circunda ou de pessoas que possam testemunhar.

6. Só uma *“leitura enviesada da lei”* pode permitir dizer que só os de mais de 16 anos poderão - para reclamar - exigir o **livro de reclamações**.

7. Aliás, só por uma brincadeira de “mau gosto” se pode admitir o sofisma da empregada: *“é menor, não pode reclamar; só o pai poderia fazê-lo; o pai não assistiu, não pode reclamar”.*

E estava aberta a porta à mais absoluta impunidade.

8. No que tange à capacidade judiciária do menor, isto é, a susceptibilidade de estar por si só em juízo desacompanhado dos seus progenitores - já João de Castro Mendes (*Direito Processual Civil II*, A.A., Lisboa, 1980, pág. 55) afirmava: *“simplesmente, há casos em que o menor recebe da lei capacidade de exercício de direito e deveres substantivos”.* Então, acompanha-a em regra uma igual medida de capacidade judiciária.

E, na óptica do tempo, figura

“b) os negócios jurídicos próprios da vida corrente do menor, que, estando ao alcance da sua capacidade natural, só impliquem despesas, ou disposições de bens de pequena importância.”

Em virtude da natureza mesmo deste caso, parece que não possa ser acompanhado de um aumento correspondente de capacidade judiciária.

Se a compra de um lápis por 2\$50 por um menor de 10 anos, por qualquer extraordinária circunstância, der uma acção em juízo, estamos necessariamente fora do campo em atenção ao qual a capacidade foi concedida - o campo dos actos “próprios da vida corrente do menor... ao alcance da sua capacidade natural. O menor deve ser representado em juízo.”

9. Mas uma coisa é a **capacidade judiciária** e outra a **legitimidade** para lavar a sua reclamação em virtude de um acto por si realizado, vivido, objecto da sua percepção.

E, nessa medida, afigura-se que o menor tem toda a legitimidade para requerer livro e nele apor o seu fundado protesto.

A questão da representação em juízo, em tribunal, é de fora à parte.

Em conclusão:

a) Os menores têm capacidade de exercício de direitos para negócios jurídicos (para elaborar contratos, afinal) próprios da sua vida corrente.

b) Tais negócios estarão ao alcance da sua capacidade natural e implicam despesas ou disposições de bens de pequena importância (de pouca monta).

c) Se têm capacidade para contratar nestas circunstâncias, terão também legitimidade para reclamar, ou seja, para lavar o seu protesto no livro de reclamações respectivo.

d) Se houver recusa, o menor pode reclamar a presença da autoridade policial ou de segurança (no caso, a GNR), constituindo ilícito de mera ordenação social a recusa do agente económico em facultar o livro.

e) Tal recusa infundada, como no caso, é cominada com coima de 3.500€ a 30.000€, tratando-se de sociedade mercantil.

desenraizados

josé m. teodósio (ruca)

Sabemos que todo o ser humano ama a sua terra por mais feia e inóspita que seja. Quando, por motivos de sobrevivência, tenha que ir trabalhar para outras paragens, por muito tempo que por lá permaneça, tem sempre a sua terra no coração e o desejo de para lá retornar no fim dos seus dias.

A vida tem os seus altos e baixos, e nos momentos mais difíceis o ser humano precisa de se sentir seguro, pelo que tem o seu refúgio, o seu castelo, com a sensação de que ali nada lhe acontecerá. Todos nós nos sentimos bem na nossa casa e mesmo dentro da casa há uma zona privilegiada que todos procuram. Normalmente no local de maior convívio de uma família, como a sala de estar, há um canto, uma poltrona, onde é agradável estar. Até os animais de estimação procuram esse local, e as visitas tendem a sentar-se imediatamente naquele canto tão acolhedor.

Porque será?

Não se trata de comodidade proporcionada pelo móvel. Se lá colocarmos outro móvel menos cómodo sucede o mesmo.

Nesta sociedade cada vez mais impessoal, o ser humano só se sente bem no seu território íntimo, na sua casa e, preferencialmente, na terra que o viu nascer.



Depois de trabalho árduo, periodicamente há a necessidade de passar férias na "terra". Lá se consegue o relaxamento necessário e o revigorar de energias. Quando a vida é recheada de situações más na labuta diária, problemas constantes e doenças, o desejo é chegar à reforma e regressar à sua terra querida

e, no seu refúgio, gozar a felicidade a que tem direito. Mesmo que continue com problemas, o ser humano acredita que ali não lhe pode acontecer nenhum mal porque "sente", sem saber de onde, uma força desconhecida que lhe dá energia.



Outros, que levaram uma vida menos má, mais feliz, quando se sentem fragilizados pela idade avançada também regressam à terra natal onde se julgam mais protegidos e mais seguros. Os que nunca saíram da sua terra natal, procuram novos horizontes para gozarem férias e se divertirem, mas sentem-se felizes quando regressam.

Os que não regressam de vez, têm sempre a certeza de que, se for necessário, a segurança está ali, e isso basta.

Que fenómeno será esse que prende as pessoas ao lugar onde nasceram? Sem aprofundar muito, porque para isso seriam necessárias muitas páginas, quase um livro, tentarei explicar:

Todo o sistema de valores da cultura ocidental assenta firmemente na crença de que o princípio racional é superior e constitui a verdade absoluta. Quanto mais a ciência progride, mais rejeita a natureza intuitiva da nossa existência. Mas o mundo racional, materialista, tem limites e não consegue explicar tudo. De uma maneira geral, as sociedades tecnicamente menos desenvolvidas têm uma aproximação da vida feita através

da consciência e respeito profundo pela parte intuitiva da existência. Descobriram que podemos aceder ao poder interno que existe em cada um de nós, alimentado pelo poder superior do Universo, a Intuição. Mas só a Intuição no Homem (o Instinto nos animais) não é suficiente. Ambos têm de funcionar em conjunto. Da Intuição e do Raciocínio, aliados à experiência acumulada, é que podemos compreender a causa da nossa existência e funcionamento do Universo. O espírito é a essência da consciência, a energia do Universo que cria todas as coisas. Cada um de nós é parte desse espírito.

A Forma corresponde ao mundo físico. Os físicos estão agora a descobrir aquilo que os metafísicos vêm proclamando há muito tempo. A matéria aparentemente sólida é, na realidade, feita de energia. Se olharmos para qualquer coisa sólida com um microscópio potente veremos um número infinito de partículas em movimento e se examinarmos uma dessas partículas descobriremos que ela é composta por partículas ainda mais pequenas e assim sucessivamente. O Mundo é um oceano de partículas a vibrar.

Segundo algumas doutrinas filosóficas essa energia é espírito e a matéria não é mais do que espírito cristalizado. O espírito cria um corpo, para habitar o mundo físico, constituído por várias camadas, ou vários corpos que se compenetraram entre si, que agem no mesmo espaço mas em dimensões diferentes.

Interessa-nos para já, conhecer apenas três: o Corpo Físico, o Corpo Astral e o Corpo Mental.

Este tríplice corpo interage com o ambiente que o rodeia, que também é constituído por várias formas de vibrações.

Os corpos Físico e Astral agem no Mundo Físico e o corpo Mental age no Mundo do Espírito (há quem lhe dê outros nomes. O que interessa é o que acontece). Os órgãos dos sentidos do nosso Corpo Físico só percebem dentro de um dado limite, pelo que a ciência abarca apenas os fenómenos visíveis e palpáveis do Mundo Físico. Com o evoluir da

técnica consegue penetrar em partes do mundo invisível, como sejam o mundo dos infra-vermelhos, Gama, ultra-violetas, raios-X, ondas de radar, microondas, ultrasons, etc. Isto só quer dizer que, pelo facto de não ser percebido pelos órgãos dos sentidos e desenvolvimento da tecnologia o mundo invisível existe. Está lá.

Há animais que percebem esse mundo, servindo muitos deles de modelo para se criarem os instrumentos adequados para lá entrarmos. Aquilo que era considerado como sobrenatural e do mundo dos espíritos ontem, é hoje considerado como uma forma mais subtil da matéria.

Ora, o nosso corpo tríplice sente as vibrações não só do mundo visível como do invisível, e aquilo que não conseguimos explicar "racionalmente" passa para o campo da Intuição ou Instinto.

A energia mental do indivíduo, a força do pensamento, vibra e espalha-se e interage com o campo energético das vibrações que o rodeiam, tanto de outros indivíduos como do campo energético estacionado no local, região ou continente. Assim, numa festa, por exemplo, podemos estar satisfeitos e alegres, mas ao juntarmos-nos a um grupo em que, por qualquer circunstância, os seus membros discutem e se exaltam, sem sabermos como, passados uns momentos, também entramos na mesma "onda".

Se formos a uma casa de espectáculos ver uma comédia que já vimos, a sós, na televisão e não achamos grande piada porque nem sequer demos uma gargalhada, ficamos surpresos porque naquele ambiente onde os outros riem também rimos e achamos piada. Os políticos sabem da influência que essa energia pode exercer, quando devidamente canalizada, para controlar as massas.

Muita gente pacata, quando está em grupo, acaba por reagir como as outras pessoas mais violentas em actos contrários à sua natureza e convicções. Mais tarde, a sós, não conseguem compreender o que lhes aconteceu. Outro exemplo. Todos nós passamos por isso. Quando éramos estudantes e

tínhamos um ponto de avaliação, ou até um exame final, por muito que estudássemos ficávamos completamente em branco no dia da prova. Não nos lembrávamos de nada. Mas, milagre, depois de sentados com a folha de prova à frente, com toda a gente concentrada no mesmo, lembrámo-nos gradualmente do que estudamos. A energia libertada por cada um interagia no local.

Numa casa o canto preferido é muito impregnado pelas chamadas boas vibrações, os "pensamentos positivos" que afastam os "pensamentos negativos", o que transforma aquele local numa espécie de santuário onde todos se sentem bem e em segurança.



Os casais, juntos há muitos anos, acabam por, sem saberem como, "adivinhar" os pensamentos um do outro. Na maior parte das vezes pensam em algo, e descobrem que o cônjuge está a pensar precisamente no mesmo. Os seus campos energéticos coabitam há tanto tempo que interagem telepaticamente, sem o seu conhecimento consciente. As "coincidências", na sua vida íntima, passam a ser constantes. Mas, como alguém disse, não há coincidências. Tudo tem um fim. Tudo tem um propósito. Noutros locais, em que cada um pensa e irradia os mais variados sentimentos, tudo depende do grupo que estiver em maioria. A partir de uma certa percentagem a minoria acaba por ser completamente assimilada sem poder reagir. Num grupo de 100 em que 80 são de uma determinada natureza e 20 de outra, influenciam-se mutuamente em função da percentagem. Se nesses 100 há só 1 ou 2 de outra natureza, estes acabam por ser irremediavelmente assimilados, mas se uma minoria

conseguir dominar os meios de informação e a maioria se mantiver na ignorância, a situação reverte-se. A minoria culta consegue influenciar a maioria ignorante. As religiões antigas sabiam disso e, na falta dos média de hoje, os ritos repetitivos e a reunião de grupos de indivíduos num templo de culto serviam para potenciar essas vibrações e canalizá-las para determinado objectivo. Ora, tudo isto para tentar explicar melhor a nossa experiência de vida em Portugal e, acima de tudo, para avisar os mais incautos de que a nossa Gabela já não existe. Não vale a pena alimentar expectativas num futuro retorno porque a decepção será avassaladora. A natureza da carga energética estacionada em África é totalmente diferente da de Portugal. Conforme a influência cultural de raças no Mundo Físico, a influência das cargas energéticas variam de continente para continente e de região para região, dentro de cada continente. Como atrás vimos, a percentagem da natureza vibratória de cada indivíduo é importante para a natureza da energia estacionada no local. Todos os objectos que nos rodeavam ficaram impregnados de energia vibratória irradiada por nós, bem como todo o meio ambiente. Já repararam que os Afro-norte-americanos depois de conseguirem derrotar os conceitos introduzidos pelos fundadores da Nação, ocultistas e conhecedores destas forças do Universo, com maior acesso à sociedade maioritária europeia já têm características comportamentais e de personalidade completamente diferentes do Africano genuíno do continente africano, enquanto que no Brasil já não acontece o mesmo? O Brasil mestiçou-se com uma percentagem elevada de africanos e os EUA não.

Quem introduziu a separação das raças na África do Sul sabia disso e procurou que o seu país não se abrisse, porque a percentagem de Africanos em maioria ultrapassava o limite de segurança para a conservação da cultura europeia. Motivo porque a natureza energética daquela região, fortemente influenciada pelos média, e separação de raças, nas mãos dos europeus, fosse

completamente diferente das outras regiões lemitrofes. A grande concentração de europeus nas zonas pretendidas, livre da influência constante de Africanos que eram recolhidos em "guetos" predefinidos, formavam uma redoma de natureza energética europeia nunca permitindo o seu desequilíbrio.



Todos aqueles que nasceram em Angola foram sensibilizados pela natureza energética da região, mas fortemente influenciados pelo sistema de educação implantado por Portugal e pelos mídia. Nas cidades e vilas, e até postos administrativos, os europeus eram a maioria, pelo que existiam essas redomas energéticas impregnadas pela sua maneira de ser e viver. Criaram uma cultura própria influenciada pelas culturas Africanas e Europeias mas com algo de diferente, para melhor. No interior os europeus completamente isolados, abaixo da percentagem mínima de defesa da cultura, foram assimilados tanto no comportamento como na linguagem. Quando da nossa vinda forçada para Portugal, cada um, conforme a geração e exposição à energia vibratória do continente Africano, sofreu um choque no mundo invisível das vibrações do continente Europeu. Sentiram um certo mal-estar inexplicável, indefinido, desconhecido, que se foi diluindo em processo contrário. Ou seja, a força energética que nos impregnava, começou a diluir-se lentamente pela influência das vibrações irradiadas no continente Europeu em percentagem mais ou menos forte conforme a geração e o meio populacional de origem de cada um. Os de segunda geração sofreram uma maior influência da energia vibratória de África, mais morosa de diluir. E muitos eram de terceira e quarta geração. Mas sempre

possível de regressão porque havia lá o gene, e energia, mesmo fracos, do continente Europeu.

Como este processo é lento, assim como todos os processos da natureza o são, ainda hoje grande parte de nós não se sente bem. A impressão da diferença, inexplicável, continua, dando-nos a sensação de um vazio e desejo de encontrar outros da mesma natureza. Aqueles que se juntaram na mesma zona residencial, nos chamados "guetos", conservam muita da energia de origem, enquanto que os que se diluíram no resto da população de Portugal sofreram com muito maior rapidez a influência da energia vibratória do continente. Reparei que muita gente que em Angola, de Nova Lisboa onde vivi oito anos como adulto e Gabela desde a infância, só se conheciam de vista e teriam trocado um bom dia, ou boa tarde em momentos esporádicos, ou até que nunca se tenham falado, quando se encontram cá em Portugal são muito efusivos no cumprimento, com verdadeiro sentimento de saudade. Os seus corpos têm vibrações da mesma natureza, são afins, e provocam a atracção, o desejo de contacto. É uma sensação incompreensível. Como podemos ter tanto prazer em encontrar uma pessoa que na altura, lá em Angola, até nem era da nossa intimidade e só conhecíamos de vista?

Em suma: como toda a gente, gostaríamos de ter a sensação de que existe aquele cantinho onde nos sentimos seguros, onde temos as melhores recordações da nossa vida, crescemos e aprendemos a ser homens e mulheres, para um dia, se necessário, nos podermos recolher e terminar os nossos dias em paz e sem medos.

Infelizmente somos uns desenraizados e não temos esse refúgio. Nunca mais voltaremos a ver a nossa terra como era. Hoje, o ambiente é adverso porque a energia vibratória da região já não é da mesma natureza daquela que nos impregnou quando nascemos. A nossa retirada em massa deixou de alimentar a redoma energética e o campo vibracional afim daquela região, e o grande aumento populacional verificado

posteriormente (a Gabela hoje tem 200.000 habitantes), e destruição de objectos materiais por nós deixados, onde ficavam gravadas todas as vibrações emitidas por nós, acabou por desequilibrar, se não extinguir, a natureza do oceano energético que nos banhava. Para ser mais explicito: o espírito Gabelense não está lá. Veio connosco. A Gabela de então está dentro de nós. O conjunto dos Gabelenses são a Gabela daquele tempo, interagindo uns com os outros. A energia está em nós, aqui. A terra é a mesma na aparência, mas já não nos sentiremos em casa. Neste caso, a força da razão, materialista, que não aceita a força da Intuição, não consegue dar-nos uma explicação do desconforto que sentiremos se lá formos. Quem lá for notará a diferença.



“a terra da pedra grande!”

Fado Meu

N`Zambié..... N`Zambié.....

“ ”

És vida, esperança és saudade imensa.

És marimba e Kissange.....

És Guitarra e concertina....

N`Zambié..... N`Zambié.....

“ ”

Plantaste em mim merengue e fado!

Sou um rio sem rumo....

Sou vida sem destino...

Sou esperança de amor vadio,

Sou Sol e Lua....

Sou estrelas e núvens....

Sou esperança sádia...

N`Zambié..... N`Zambié.....

“ ”

Sou teu filho....

Não me negues....

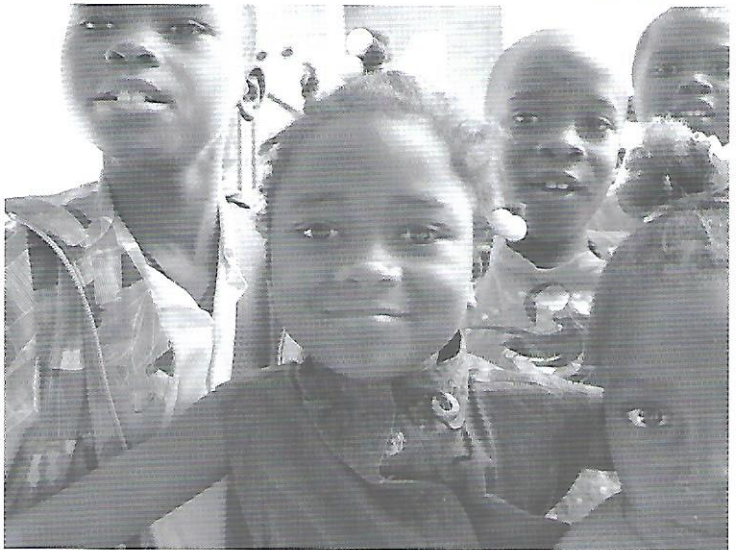
Junta o fado à marimba...

a guitarra ao merengue!

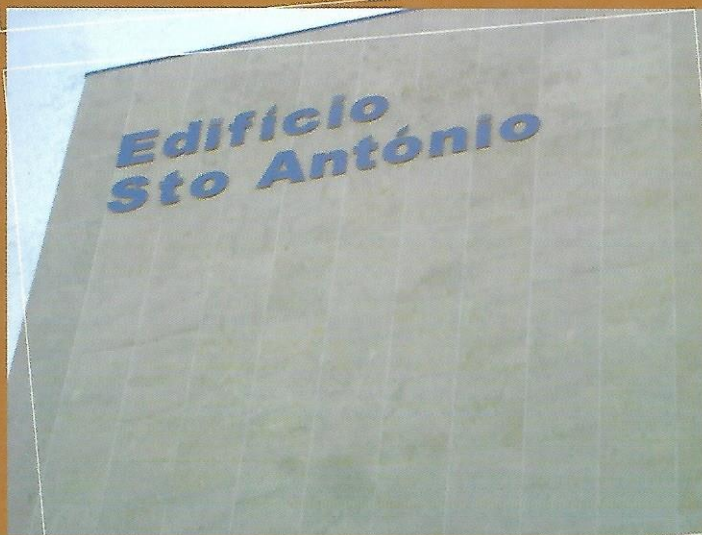
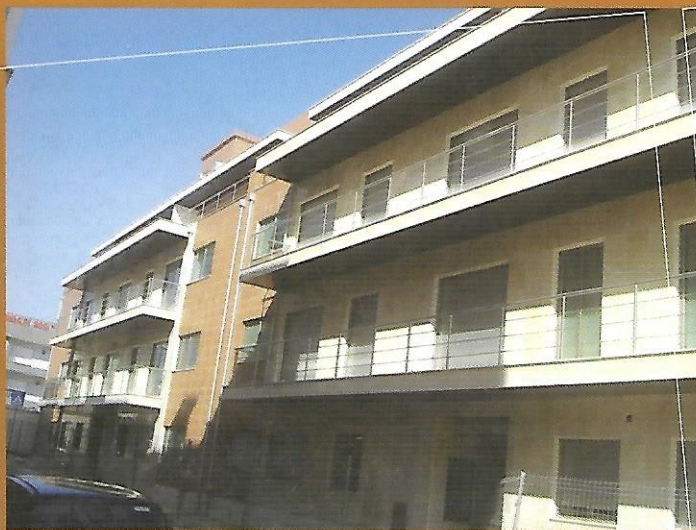
deixa-me sorrir....

(São Sabugueiro)

01/11/2006



CAMAPE, CONSTRUÇÕES, LDA. IRMÃOS CASTRO



25 anos a construir com
qualidade, rigor e segurança

qualidade
rigor
segurança